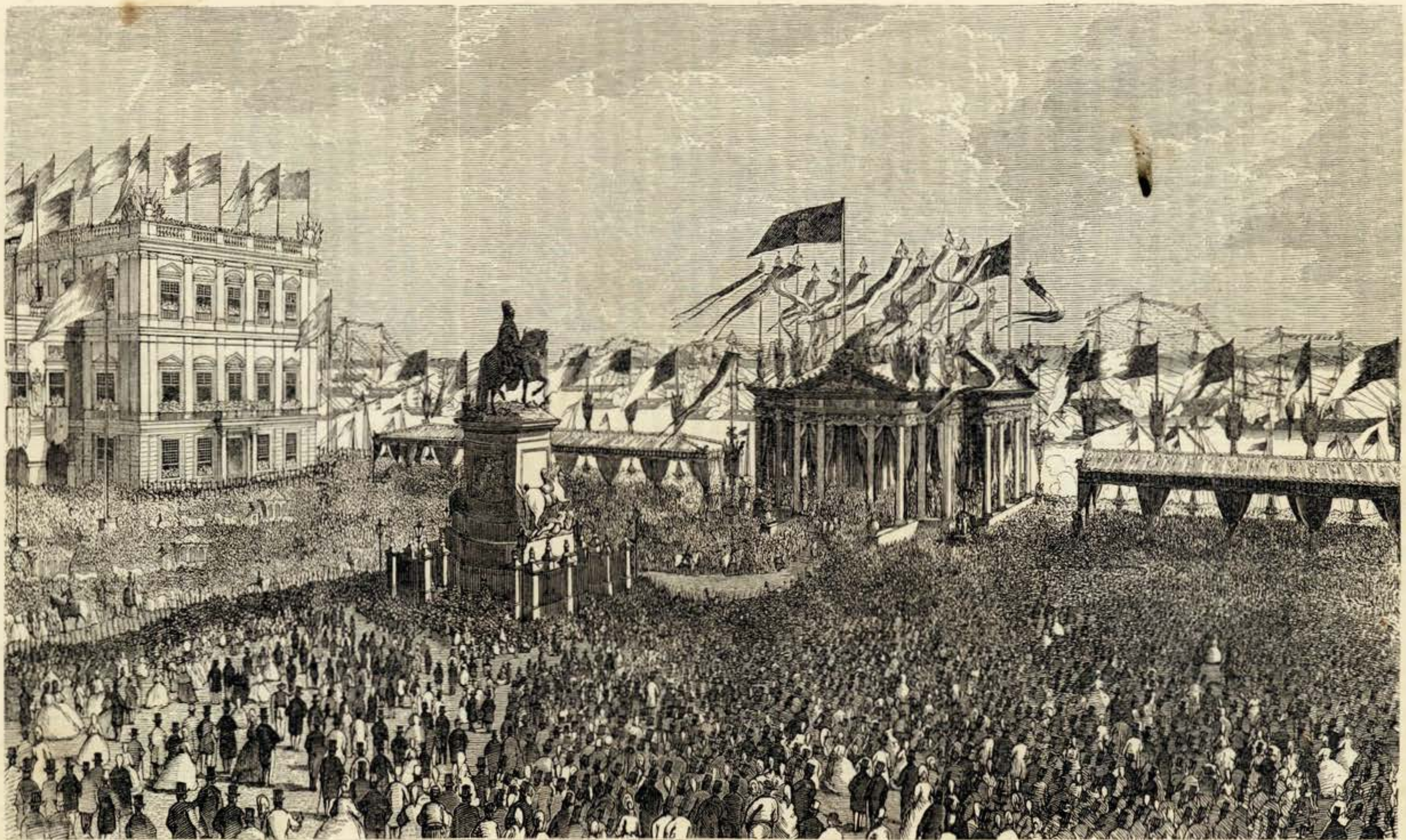


Desembarque de S. M. a Rainha D. Maria de Saboya na praça do Commercio de Lisboa — Desenho original de Nogueira da Silva

AVÉ STELLA!

Assoma a luz precursora,
e logo o espaço domina.
Bem vinda sejaes, Senhora,
como a estrella matutina
que precede a nova aurora!

Bem vinda, Esposa Real,
Gentil Princeza, bem vinda
aos braços de Portugal!
Patria vossa é esta ainda,
patria e irmã do chão natal.

Revê-se flor entre flores;
são os jardins só mudados:
acha os mesmos esplendores,
as mesmas selvas e prados,
ceo egual e eguaes amores!

De alvoroçado e saudoso,
como que o berço da infancia,
por dobrar-lhe dita e gozo,
quiz seguil-A á nobre estancia
onde a aguarda o Excelso Esposo.

N'um povo d'almas leaes,
que já por fé Vos adora,
profundo affecto encontraes.
Vossa patria é esta agora:
bem vinda a ella sejaes!

Honra nos foi e nos fez
uma Filha de Saboya.
Signal de gloria outra vez
ha de ser d'Italia a Joia
sobre o throno portuguez.

A voz que as bençãos implora
jámais aos Vossos foi muda:
Vosso Avô cantou outr'ora
musa que hoje vos saúda.
Bem vinda, Augusta Senhora!

Após tormenta voraz,
desce a vaga, aclara o norte.
Bem vinda, Iris de paz,
luz de amor, como o Consorte:
o ceo, que O trouxe, Vos traz!

A estrella d'alva descora
entre as rosas do oriente.
Sejaes bem vinda, Senhora,
como o astro que, fulgente,
surge e inflamma a nova aurora.

MENDES LEAL JUNIOR

Que Portugal exulte ao ver realisado o consorcio do seu rei, para estabilidade da dynastia constitucional, attenuada pelos fataes golpes que ainda enluctam muitos corações, é preito de leaes subditos, e amor das liberdades patrias. Mas que toda a Europa louve e festeje o enlace do neto do libertador de Portugal, com a filha do libertador da Italia, é um facto de alta significação para o futuro das nações que ainda não gozam a luz do progresso.

Se foram tão solemnes quaes nunca se patentearam as manifestações do jubilo nacional, é porque se avivam as tradições do nosso antigo poderio, vendo sentados no mesmo throno, o successor de D. João I e a descendente del-rei D. Manuel. Mas o applauso europeu que saudou o consorcio de D. Luiz I com D. Maria de Saboya, revela as geraes sympathias pela liberdade e unidade da Italia.

O joven monarcha, elegendo para esposa uma princeza tanto do seu affecto, tão conforme aos votos do seu povo, tão a aprazimento das nações amigas, excitou o jubilo que vimos manifestado em tantas demonstrações quantas póde idear o amor e a gratidão de um grande povo.

Escriptura para muitos volumes, desenho para muitas estampas fôra o querer recopilar tudo quanto n'esta capital se viu e admirou, nos cinco dias dos festejos do real consorcio. Unico jornal illustrado com gravuras que ha no reino, o *Archivo Pittoresco* dará n'este e nos seguintes numeros o desenho dos principaes monumentos que se levantaram para ornato e illuminação da cidade, deixando ás folhas periodicas a narrativa que tão escrupulosamente tem feito de quanto se passou n'esses dias de fausto e alegria. Apenas resumiremos n'este semanario o que baste para elucidação das gravuras.

A que orna a primeira pagina d'este numero, representa o desembarque de S. M. a Rainha na praça do Commercio, e a sua entrada no pavilhão que a camara municipal de Lisboa alli mandou erigir, para entregar á soberana as chaves da cidade, e felicital-a pela sua chegada a este reino.

Este pavilhão representa o templo de Hymeneo, sustentado por 44 columnas da ordem composita, tendo as faces 22 metros. A altura é de 18,^{m}30 contados desde a base até á parte superior da cupula.

As fachadas do lado do norte e sul são decoradas por dois tympanos com escudos de armas portuguezas e festões de ornato, rematando por um grande acroterio, e nos angulos por serpes coroadas, timbre das armas de Bragança. A cupula é cercada na base por uma grinalda formada de 24 escudos, 16 representando as provincias do reino e colonias, os restantes com as iniciaes dos nomes dos regios esposos enlaçadas. O remate da cupula é uma grandiosa coroa real.

Na parte do friso que fica por cima das entradas d'este monumento estão gravadas as seguintes inscripções, feitas pelo nosso eximio poeta, o sr. Antonio Feliciano de Castilho.

Da parte do mar:

DA BELLA ITALIA ESTRELLA SOBERANA
SEJAES BEM VINDA Á PRAIA LUSITANA.

Do lado da cidade:

FILHA DE REIS HEROES, DE REIS HEROES ORIGEM
EM NOVA ITALIA OS CEOS THRONO DE AMOR TE ERIGEM.

O tecto do pavilhão fórma um sophyto, cujas molduras são perfiladas de oiro, fundos côr de rosa, e ornatos doirados; d'estes centros pendem elegantes lustres para gaz.

Os capitéis e bases das columnas são doirados. Nos centros dos intercolumnios, tanto do lado interior como do exterior, pendem floreiros ornatados. Os mesmos intercolumnios do lado exterior são guarnecidos de sanefas e cortinas de seda azul e branca, com arabescos de franjas de oiro, presas a columnas, braçadeiras e pateras doiradas, das quaes saem braços de metal com globos de vidro para illuminação.

O interior da cupula é egualmente ornatado. Do fecho pendem 8 faixas de damasco carmesim orladas de oiro, que vem prender-se ás 8 columnas que sustentam a mesma cupula, formando um docel ao throno que se eleva sobre um estrado. Na testa de cada uma d'estas columnas ha uma estatua de pedra com seu luzeiro na mão. Todo o pavimento é atapetado,

inclusivè as escadas, em cujos lados ha, collocados sobre plintos, grandes fogaréos.

Ao nascente e poente do pavilhão, oito metros afastadas d'elle, correm duas galerias de 44 metros de comprimento por 9 de largo cada uma, sustentada cada uma das suas cupulas por trinta e duas columnas decoradas de sanefas e cortinados de seda, azues e brancos, franjados de oiro, ligadas as columnas por braçadeiras e pateras, d'onde saem, como no pavilhão, muitos braços de metal ornatados, com globos de vidro para illuminação, tendo, além d'estes, dez a doze lustres, e outras decorações.

O exterior das cupulas é em listões azues e brancos, coroadas com acroterio, cujos remates são as serpes coroadas do timbre das armas de Bragança, e das prumadas elevam-se mastros decorados de escudos, bandeiras, galhardetes e grinaldas. Cada uma d'estas galerias póde conter para cima de mil pessoas.

Nos intervallos das janellas, em volta da praça do Commercio, estavam collocados, alternadamente, escudos das armas reaes portuguezas e italianas, e bem assim as das provincias do reino, circundados todos de bandeiras portuguezas e italianas enlaçadas, e nos cantos, sobre os peitoris das saccadas, infinidade de vasos de flores, e pendentes das saccadas vistosas colxas de diversas côres, bordadas de arabescos de oiro e prata, orladas de franjas. Os intervallos das janellas do andar superior eram ornados de grandes medalhões, com grinaldas de flores, bandeiras e festões. Na platibamba geral da praça havia grande numero de bandeiras, e em volta, junto aos passeios, grandes mastros venezianos.

Ás embocaduras das ruas que partem da praça estavam grandes mastros venezianos, decorados por coroas de festões, grinaldas e bandeiras simulando arcos, e d'estes pendiam grandes candelabros formados de folhagens, flores, e globos.

Nos arruamentos, e parallello aos passeios, havia egualmente alterosos mastros, decorados de escudos, bandeiras, festões e galhardetes, e nas encruzilhadas extensas linhas de flamulas, grinaldas, etc.

Sobre o pavilhão fluctuavam as bandeiras portugueza, italiana, brasileira, franceza, hespanhola e ingleza. Nas galerias, torreões, e no remate de todas as decorações, em volta da praça, tremulavam centenares de bandeiras portuguezas e italianas alternadamente.

Á noite illuminou-se o pavilhão real com 1:200 luzes de gaz, e 900 as duas galerias lateraes. Em volta da estatua del-rei D. José havia 900 luzes, tambem de gaz, figurando quatro pyramides, e differentes enflorados com as iniciaes dos regios noivos. Nas janellas e friso da cimalha em roda da praça ardiam 2:300 lumes. Brilhava pois todo aquelle recinto com 5:300 luzes de gaz, que tornava o grande Terreiro do Paço claro como de dia. Era magico o effeito que fazia, em noites tão serenas e amoraveis como foram todas as da illuminação. Confessavam os estrangeiros que esta não tinha que invejar ás melhores que se faziam nas principaes cidades da Europa.

O risco do pavilhão real, assim como a decoração de toda a praça do Commercio, é exclusivamente da invenção do desenhador da repartição technica da camara municipal de Lisboa, o sr. José Geraldo de Felgueiras Junior. O das galerias é do architecto da mesma camara, o sr. Pezerat, e egualmente o plano geral da illuminação da praça, executado pelo sr. Manuel Joaquim da Silva, fabricante de candieiros. Toda a obra de pintura pertence aos srs. Luiz Antonio Ferreira e Guilherme Augusto.

A todos estes artistas damos o parabem de haverem tão plenamente merecido o louvor publico do seu trabalho, e com especialidade ao sr. Felgueiras pelo desenho do sumptuoso pavilhão, e pela innovação que fez na decoração da praça do Commercio.

No dia 5 de outubro havia S. M. a Rainha chegado ás aguas do Tejo. A esquadra que a conduzia era formada de duas divisões navaes. A portugueza composta das corvetas de vapor *Bartholomeu Dias*, a cujo bordo vinha S. M. e a regia comitiva, *Estephania e Sagres*, commandada pelo chefe de esquadra Soares Franco: a italiana composta das fragatas de vapor, *Maria Adelaide* a bordo da qual vinha o principe real de Italia, irmão da Rainha; *Duque de Genova, Italia, Garibaldi*, e *Anthion*, aviso, tambem de vapor, commandada pelo vice-almirante conde de Albini.

Tanto que houve noticia de estar á vista a esquadra, saíu a esperal-a á barra o serenissimo infante D. Augusto, acompanhado do ministro da marinha, do marechal duque de Saldanha, e dos officiaes móres da casa real, a bordo do vapor de guerra *Argos*, seguido dos vapores *Lynce* e *Torre de Belem*. Apoz estes iam os tres vapores da companhia «União Mercantil» *D. Antonia, D. Luiz e Açoriano*, cheios de convidados por bilhetes para este cortejo, levando todos excellentes bandas de musica.

Todas estas embarcações iam vistosamente embandeiradas, e com marinhagem uniformisada para subir ás vergas.

Na altura de Cascaes se encontrou esta brilhante flotilha com a esquadra real. Logo subiram ás vergas os marinheiros, romperam os vivas á Rainha, e todas as musicas tocaram o hymno de Italia. As fortalezas da barra salvaram ao entrar a corveta real, para cujo bordo passou o sr. Infante a cumprimentar a Rainha sua cunhada da parte de S. M. El-Rei. Toda a esquadra o saudou com uma salva real.

Seguindo Tejo acima até defronte do caes de Belem, ahi fundeou a corveta *Bartholomeu Dias*, sendo logo rodeada por centenares de embarcações de véla e remos, de todos os lotes, carregadas de gente que ia cortejar a Rainha. A esquadra estendeu-se em linha, com toda a marinhagem nas vergas, os vapores do cortejo passavam e repassavam por bombordo da corveta real, dando vivas á Rainha, que em cima da tolda correspondia com graciosa affabilidade a estas homenagens.

O Tejo offerecia n'aquella paragem um panorama arrebatador. Quinze vapores fumegando, galhardamente empavezados em arco, com as tripulações nas vergas, tocando todas as suas musicas, e levantando clamorosos vivas de quando em quando. Centenares de embarcações miudas coalhavam o mar, cheias de povo, lançando ao ar girandolas de foguetes, e dando vivas á Rainha, a El-Rei e á Italia. A praça de Belem estava apinhada de gente, a pé, a cavallo e de carruagem. Ao longo da praia, até á Torre, havia um cordão de espectadores. O sol resplandecia n'aquelle dia de outono, como no mais formoso e limpido da primavera. O ceo, abençoando este auspicioso consorcio, quiz que nem uma nuvem empannasse o fulgor da brilhantissima recepção da nova Rainha de Portugal.

Depois de fundeada a esquadra, S. M. El-Rei, em carruagem, com seu augusto Pae e sua serenissima tia, a senhora infanta D. Isabel Maria, acompanhado dos ministros da coroa, do conselho de estado, e dos seus camaristas e ajudantes de campo, veiu ao caes de Belem embarcar na galeota real para ir a bordo visitar a sua real Consorte, com quem jantou n'esse dia, retirando-se á noite para o paço da Ajuda.

O dia 6 foi destinado para o desembarque da Rainha. A aurora despontára risonha e limpida como na vespera. Logo pela manhã as tropas da guarnição, em força de seis mil homens de todas as armas, sendo mil de cavallaria, commandadas pelo tenente-general conde da Ponte de Santa Maria, formaram em alas nas praças e ruas designadas para o transito do real cortejo.

Sua Magestade El-Rei saíu do paço da Ajuda ás nove

horas e meia da manhã, em grande estado, que se compunha de quatorze coches.

O numerosissimo concurso de povo obstruia as ruas do transito por tal modo, que só ao meio dia pôde chegar el-rei ao pavilhão da praça do Commercio. Ahi o esperava de gala toda a corte, tribunaes e funccionarios publicos, que acompanharam Sua Magestade ao caes das Columnas, embarcando no bergantim real com grande sequito de galeotas e escaleres, para conduzir Sua Magestade a Rainha de bordo da corveta *Bartholomeu Dias* ao Terreiro do Paço, que, n'essa occasião, offerecia um aspecto maravilhoso. Desde o caes até proximo da real corveta, duas alas cerradas de embarcações de differentes lotes, carregadas de povo de todas as classes, e galhardamente embandeiradas, esperavam a passagem da Rainha, saudando-a com clamorosos vivas.

Assim que Suas Magestades desembarcaram, as esquadras italiana e portugueza, os outros navios de guerra estrangeiros, e as fortalezas de terra e mar, annunciaram com uma salva geral que a Rainha tinha pisado o solo de Portugal. Em toda a praça do Commercio, occupada por mais de cincoenta mil pessoas, resoaram vivas á nova Rainha, a seu augusto Esposo e á liberdade de Italia, vivas que se repetiram por todas as ruas circumvisinhas da praça.

Os reaes noivos foram conduzidos debaixo de pallio pelos vereadores da camara municipal até á rotunda do pavilhão onde estava collocado o throno. Ahi, o presidente da municipalidade, antes de offerecer as chaves da cidade a Suas Magestades, saudou, n'uma breve allocução, a feliz chegada de Sua Magestade a Rainha, «como aurora de esperança para Portugal, sendo, n'esta manifestação, interprete dos habitantes da capital e de todo o reino, que, na felicidade do seu rei vêem a sua propria felicidade.» El-rei, recebendo as chaves da cidade, fez d'ellas offerta a sua augusta esposa, restituindo-as ao presidente do municipio com palavras de affectuoso agradecimento pelas felicitações que lhe eram dirigidas, terminando por dizer, «que se o povo portuguez tem como suas as felicidades do seu Rei, o Rei tem como proprias as venturas do seu povo.»

Logo depois foi admittida á real presença uma deputação da sociedade dos Artistas Lisbonenses, que tinha obtido a permissão de offerecer á joven Rainha um ramo nupcial de flores artificiaes, obra primorosa do nosso compatriota Constantino, o rei dos floristas [1]. Esta offerta foi precedida de uma respeitosa allocução proferida pelo presidente da deputação, a que sua magestade El-Rei respondeu agradecendo por parte da Rainha sua esposa.

No entretanto, foram seguindo as carruagens da corte e mais pessoas que formavam o cortejo, para o magestoso templo de S. Domingos, onde os reaes nubentes chegaram pelas tres horas da tarde, indo em grande estado, que se compunha de quatorze coches, indo no primeiro o porteiro da real camara e os guardas-roupas; no segundo, os ajudantes de ordens de El-Rei D. Luiz; no terceiro, quarto, quinto e sexto, os ajudantes de campo de El-Rei D. Luiz, de El-Rei D. Fernando e de sua alteza real o principe Humberto; no setimo, os camaristas de sua magestade El-Rei, marquez de Ficalho, conde de Linhares e D. Manuel da Camara; no oitavo, o vedor da casa real conde da Ponte; o camareiro-mór conde da Carreira, e o camarista da Rainha conde de Villamarina; em o nono, as damas de sua magestade a Rainha, D. Maria das Dores, D. Gabriela de Linhares, e D. Maria de Souza Holstein; no decimo a camareira-mór duqueza da Terceira e a dama da Rainha condessa de Villamarina; no undecimo o mordomo-mór duque de Saldanha, o estribeiro-mór duque de Loulé; duodecimo, coche de respeito; no decimo terceiro, el-rei D. Fernando e sua alteza o Infante D. Augusto; no decimo quarto, El-Rei, a Rainha e o principe real de Italia.

Em todo este estado iam cento e doze criados com librés encarnadas agaloadas de amarello, e cento e oito cavallos vistosamente ajaezados e emplumados. O coche real ia rodeado pela guarda real dos archeiros a pé, indo a cavallo o seu capitão marquez de Souza Holstein. Atraz do coche ia o general commandante da divisão com luzido e numeroso estado maior.

Toda a força de cavallaria formava a guarda de honra, fechando o cortejo.

Á porta da egreja foram recebidos os augustos noivos pelo cardeal patriarcha e seu cabido, começando-se em acto continuo a missa *pro sponso et sponsa*, finda a qual o mesmo prelado ratificou o matrimonio de Suas Magestades celebrado em Turim no dia 27 de setembro, lançando-lhe as bençãos da egreja. Então, o côro entoou o *Te-Deum*, executado por 131 musicos, entre cantores e instrumentistas, expressamente composto e dedicado a Suas Magestades pelo sr. Manuel Innocencio dos Santos, mestre da capella real.

Acabadas as ceremonias religiosas, Suas Magestades, precedidas pelo mesmo cortejo, voltaram ao pavilhão do Terreiro do Paço, onde receberam a continencia das tropas, que formavam a parada, commandadas pelo velho marechal duque de Saldanha. Durante este tempo, todas as bandas militares se reuniram defronte do pavilhão, tocando a nova marcha triumphal intitulada *Portugal e Saboya*, composta pelo mestre da musica do corpo dos marinheiros militares.

Com este apparatoso acto, em que os corpos de todas as armas ostentaram o seu garbo e pericia nas manobras, terminaram as funcções officiaes n'este segundo dia de gala.

Com a noite começaram os festejos populares, illuminando-se toda a cidade, e os arcos que se tinham levantado em varios sitios até ás portas de Alcantara, de que trataremos quando dermos os desenhos que se estão gravando.

Por hoje limitâmo-nos a apresentar a vista geral da praça do Commercio, tirada das janellas da camara municipal, pelo sr. Nogueira da Silva, sem auxilio de photographia, mas tão fiel como podem testimunhar os que assistiram ao acto que ella representa. A chapa em que elle a desenhou com incrivel rapidez, foi logo distribuida por todos os nossos gravadores, que trabalharam incessantemente com o esmero que a estampa demonstra.

CIDADE DO CABO DA BOA ESPERANÇA

Eu sou aquelle occulto e grande Cabo,
A quem chamaes vós outros Tormentorio,
Que nunca a Ptolomeu, Pomponio, Estrabo,
Plinio, e quantos passaram, fui notorio:
Aqui toda a Africana costa acabo
N'este meu nunca visto promontorio,
Que para o polo antarctico se estende,
A quem vossa ousadia tanto offende.

Camões, Lusiadas, c. v. est. 51

Tão pavoroso e horrivel se mostrou aos nossos primeiros nautas o famoso Cabo que separa o Oceano Atlantico do mar das Indias, que para o descrever no seu immortal poema, Camões ideou um ente phantastico, um gigante

De disforme e grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esqualida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, a côr terrena e pallida,
Cheios de terra e crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos

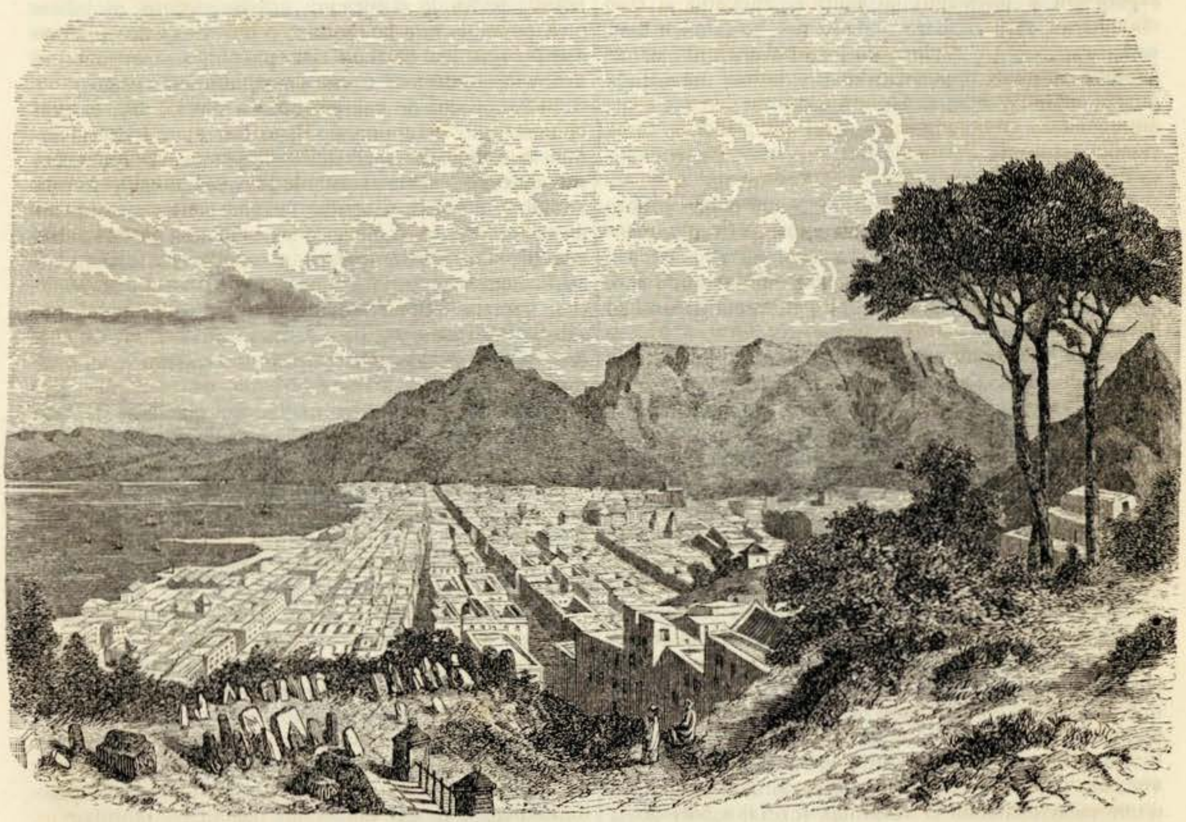
[1] A mui antiga sociedade dos Artistas Lisbonenses teve a mimosa lembrança de lhe encommendar este ramo para o offerecer á Rainha no dia do seu casamento. Constantino, não só acceitou tão honrosa incumbencia, mas não quiz remuneração alguma, e na carta com que o remetteu á sociedade dizia, que o ramo tinha sido todo feito por suas mãos, em attenção ao destino que lhe era dado. Cabe, portanto, ao nosso grande artista boa parte n'este brinde.

Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te, que este era o segundo
De Rhodes estranhissimo colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo.
Co'um tom de voz nos falla horrendo e grosso,
Que pareceu sair do mar profundo:
Arripiam-se as carnes e o cabello
A mim e a todos só de ouvil-o e vêl-o!

Este tão conhecido episodio do Adamastor é uma das mais gabadas ficções do poema de Camões, e que muito agradou ao descontentadiço Voltaire, louvado por todos os criticos estrangeiros, chegando um d'elles, M. Sané, a dizer: *Homere, Virgile, le Dante e Milton n'ont rien de plus grandieux, de plus original.*

O ousado navegador portuguez Bartholomeu Dias foi o primeiro que descobriu e dobrou este Cabo, em 1486, pondo-lhe o nome de Tormentorio, ou das Tormentas, pelas que passou ao dobral-o, que foram inauditas, com perda de muitas vidas e da nau em que ia Pedro Alvares Cabral. El-rei D. João II, tirando feliz angurio de se haver transposto esta barreira, que se julgava insuperavel, para entrar nos mares da India, o chrismou em Cabo da Boa Esperança, que tal era a que tinha em mente, e se realisou no seguinte reinado, dobrando-o novamente Vasco da Gama a 20 de novembro de 1497, seguindo a sua derrota, *por mares nunca d'antes navegados*, até á India.

Como os nossos não trataram de levantar feitoria



Cidade do Cabo da Boa Esperança

n'aquelle Cabo, os hollandezes, durante o dominio de Castella em Portugal, foram os primeiros que alli estabeleceram uma colonia, e lançaram os fundamentos da actual cidade. Os inglezes apossaram-se do Cabo em 1795, mas tiveram de o restituir á Hollanda pela paz de Amiens, em 1802. Pelos tratados de Vienna tornou a Inglaterra a ficar senhora d'esta possessão, que é hoje uma das suas mais ricas e importantes colonias.

O territorio do Cabo da Boa Esperança tem perto de 240 legoas de sul a léste, e é cortado por numerosas ribeiras que o refrescam e fertilisam. O clima é benigno, apesar de exposto a chuvas continuas de inverno, e a excessivos calores no verão. Tem hoje uns 120:000 habitantes, entre pretos e brancos.

A cidade que a nossa estampa representa é vasta, com ruas direitas, as casas feitas de tijolo ou granito vermelho; tem bons passeios, sendo notavel o da companhia das Indias, e o palacio do governo. A sua população é de 25:000 almas. Perto da cidade fica a povoação de Constança, que produz o famoso vinho d'este nome.

De portuguez não tem hoje o Cabo da Boa Esperança senão o nome que lhe poz el-rei D. João II, unico mas perduravel padrão da gloria que nos ficou d'este descobrimento maritimo, o segundo depois do da America.

O HOMEM QUE PERDE A MEMORIA

(TRADUCÇÃO DE R. PAGANINO)

I

N'uma manhã de maio de 1613 uma senhora, ainda nova, dirigia-se, acompanhada de duas crianças, para o pequeno cemiterio da aldeia de Harlem. A pallidez que se lhe notava na physionomia, as palpebras inflammadas, o rosto profundamente melancolico, annunciavam um d'estes pezares profundos, sobre que parece que o proprio tempo se envergonha de espalhar papoilas inuteis. Seus filhos, o mais velho dos quaes tinha quatro annos apenas, iam com aquelle descuidar natural em similhantes edades. Admirava-os ver o palacio de lucto, os criados, sua mãe e elles mesmos

vestidos de negro; apesar de que uma voz lastimosa lhes dissera uma vez, mostrando-lhes um caixão coberto com um panno funebre: — Filhos, já não tendes pae!

D'ahi a um mez já brincavam conforme o seu costume.

Porventura não permitte Deus que nos recordemos das dores que padecemos nos primeiros annos, por ellas serem horriveis? Talvez. Como quer que fosse, porém, o que é verdade é que aquellas crianças se tinham esquecido do motivo que as trazia de lucto.

Quando a senhora em que fallâmos se aproximou do cemiterio, alguns transeuntes perguntaram em voz alta, (a curiosidade não respeita nem o pejo nem a dor), quem era aquella senhora que passava tão triste, e qual era a causa de similhante tristeza?

— Essa pobre senhora que ahi vae, respondeu uma velha mendicante, é viuva de João Durer, que morreu ha tres mezes, e que foi ministro de sua magestade o imperador da Allemanha.

II

João Durer pertencia á familia de um pobre pastor. João era um estudante muito estudioso, mas que mostrava já, nos seus jogos de rapaz, uma violenta necessidade de dominar os outros. Parecia devorado pela ambição. Por isso ganhava todos os premios que se davam na eschola.

Aos quinze annos era a admiração, o orgulho até, de seus mestres. Entretanto João não era estimado pelos seus companheiros. Deixava perceber uma vaidade repulsiva, provocadora ás vezes. Dava-se pouco; não era amigo de contar as suas coisas, e olhava com soberba para os seus companheirosinhos menos providos de intelligencia. O seu modo de fallar era incisivo, o seu aspecto glacial, e os ares de altivez que usava de proposito, tornavam-no inaccessivel.

Vivia só.

Uma tarde o moço Durer, arrastado por esta necessidade de apartamento e de solidão, que o não deixava, dirigiu-se para o campo, sonhando provavelmente com as grandezas a que o seu orgulho aspirava, e a que não devia contar que podesse chegar nunca. O seu rosto estava triste, o passo demorado como o do viajante que desanima n'uma estrada sem fim, e á vista de um horisonte que foge sempre. Durer parou n'um valle chamado o valle das sarças, talvez pelos gigantescos pilriteiros que alli tinham nascido. Foi sentar-se debaixo do arvoredo, sem ouvir por cima da sua cabeça uma cotovia que estava cantando com toda a força.

Quando a tempestade ruge tudo se cala na natureza. Assim succedêra com Durer. A voz da ambição abafava-lhe as harmonias que cantam de ordinario na alma de um rapaz.

Durer sonhava uma fortuna illustre. Elevar-se era o seu proposito unico. E não parecia muito provavel, salvo darem-se circunstancias bem raras de encontrar, que similhante sonho viesse a realisar-se. O filho do pastor devia ter inclinações mais accommodadas ao seu nascimento. Pelo menos era assim que o entendiam n'aquelle tempo.

Não via caminho aberto para seguir; em todas as avenidas que se dirigiam ás grandezas, achava, impedindo-lhe o passo, a fortuna, o privilegio e o nascimento; não lhe restava pois, para doirar as suas chimeras, senão a porta entre-aberta do acaso. A sua intelligencia era incontestavelmente grande; mas tinha porventura uma vocação, uma especialidade, um fim, que lhe désse uma vontade ou uma direcção, um ponto de apoio a essa vontade, que não é outra coisa senão a energia com o tempo, o espirito do seguimento? Entre os milhares de carreiras que cortam a vida, qual é a que conduz á fortuna, á gloria, á virtude, á vergonha ou ao crime? O que não tem vivido ignora quaes são as estradas dos vicios, quaes as das paixões. Assim estava Durer n'aquelle dia; e uma coisa lhe dava mais cuidado que todas as outras. Era a sua pobreza.

Era o que tinham conseguido os vinte annos de trabalho e economia do pastor de Harlem, afim de dar instrucção conveniente ao fidalguinho.

Achava-se como que perdido nas suas preoccupações prematuras, quando um homemsinho gordo, bochechudo, de chapeo de feltro com abas largas, capa côr de castanha, corpete amarello, calções pretos e sapatos de entrada alta, com grandes laços, se aproximou d'elle sorrindo-se. O olhar do recemchegado, cujos bigodes já alvejavam, era penetrante, os labios grossos indicavam bonhomia, e pela linha das sobrancelhas, que era de uma rara pureza, se concluia que o novo personagem devia ser rigido de costumes.

— Não gosto de ver os rapazes tristes, dissera este homemsinho, examinando João Durer; a tristeza annuncia a doença, que muitos padecem de quererem ser grandes personagens, logo que chegam a este mundo. Apostaria a minha fortuna contra as illusões d'este moço, em como elle se considera já um sabio envelhecido. Oxalá que os paes não cuidassem em atirar com a sciencia á cabeça dos filhos, antes de serem homens feitos. Deixam de parte os cuidados que são necessarios para lhes formar caracter, e não cuidam senão no desenvolvimento do espirito. A vaidade mata o moral.

Raciocinando assim comsigo, aproximou-se de João a quem dirigiu quasi de chofre as seguintes perguntas:

— Olá, rapaz, quanto vae da terra ao sol?

— Trinta e tres milhões de legoas, respondeu João Durer sem a menor hesitação.

— Não dizia eu, pensou o homemsinho comsigo, sorrindo-se.

— Quanto gastaria para lá chegar o colibri, voando uma legoa por minuto?

— Vinte e oito annos, senhor, respondeu Durer.

Quem calcula tão depressa e tão bem deve viver triste, ajuizou o desconhecido.

Depois continuou:

— Qual foi o maior heroe da antiguidade?

— Alexandre.

— O mais sabio?

— Socrates.

— O mais orgulhoso?

— Diogenes.

— Qual prefere?

— Alexandre.

— O que pensa do homem que obsequeia o seu proximo?

— Que o primeiro tem toda a vantagem sobre o segundo.

O desconhecido reflexionou por momentos, e proseguiu:

— Em que se emprega seu pae?

A esta pergunta tão simples, Durer fez-se vermelho e guardou silencio.

O homemsinho, que era muito perspicaz, disse então. Este rapaz tem vergonha de nomear o pobre pastor de Harlem. Mau coração, cabeça valente, detestavel caracter. Este rapaz só póde ser diplomata. Em seguida, depois de uma curta reflexão, disse: Embora...

O moço Durer recolheu para casa ebrio de alegria. Despediu-se de seu pae e de sua mãe, que choraram vendo-o afastar-se. João acabava de deixar para sempre a cabana do pastor. Ia para Vienna completar os seus estudos.

O homemsinho dera-lhe uma grande bolsa cheia de oiro, dizendo-lhe:

— Sou o conselheiro Werter, favorito de sua magestade o imperador. A assiduidade com que tem seguido os seus estudos chegou ao meu conhecimento. Trabalhe. Póde ser que encetasse uma grande estrada.

Tres annos depois, Durer entrava para a secretaria del-rei, d'ahi a pouco era nomeado secretario particular, algum tempo depois recebia um baronato e um opulento morgado, devido tudo á influencia occulta do bom conselheiro Werter.

Todavia na sua doirada carreira, esquecêra-se Durer de seu pae e de sua mãe.

Um dia que o conselheiro ia caminho da corte encontrou Durer nas escadas do paço e disse-lhe:

— Senhor barão, fiz com que fossem hontem, em nome de v. exc., dar mil escudos ao velho pastor da aldeia de Harlem.

Com esta apostrophe, um tanto ironica, notou o velho conselheiro, que o senhor barão corára, como no dia em que, no *Valle das carças*, lhe perguntou de quem era filho.

Examinaram-se aquelles dois homens com a maior attenção. Os olhares do barão Durer exprimiam um odio implacavel; os do bom conselheiro, uma indignação amarga.

Na tarde d'esse dia, o imperador recebeu friamente o seu fiel, o seu velho, o seu integro conselheiro; este não foi chamado a palacio nem no dia seguinte, nem nos subsequentes. Incorrêra no regio desfavor. Alimentára uma serpente no seu seio. Werter retirou-se para uma casinha que possuia nos arrabaldes de Harlem.

(Continua)

IDA DA INFANTA D. BEATRIZ PARA SABOYA

Julgâmos opportuno recordar n'esta occasião, a magnificencia com que el-rei D. Manuel enviou sua filha, a formosa infanta D. Beatriz, para Saboya, quando a deu por esposa ao duque Carlos III.

Garcia de Resende, o chronista de D. João II, fez d'esse pomposo casamento uma extensa relação, da qual vamos extractar alguns periodos, por onde se avaliará a grandeza da corte del-rei D. Manuel, e se verá com que esplendor foi celebrada esta alliança entre Portugal e Saboya.

«Logo ao outro dia por diante (8 de abril de 1516) el-rei nosso senhor começou de mandar ordenar todas as coisas necessarias para a ida da senhora infante, e dizer ás pessoas que com ella haviam de ir que se apercebessem: e mandou fazer prestes e concertar toda-las naus grossas, galés, galeões e caravellas, que foram por todas dezoito velas, a saber: quatro naus grossas, quatro galés, dois galeões, cinco naus, duas caravellas e uma fusta, todas as melhores que podiam ser, e para isso mui escolhidas, fortes, novas, grandes e veleiras; e iam tão grandemente armadas, que era coisa de espanto, porque, além da artilheria que tinham e soiam trazer, levavam mais do armazem delrei quinhentos trinta e sete tiros, todos de metaes, a saber: cento e duas peças de bombardas grossas, muito grandes e muito furiosas; trinta e cinco peças de falcões, e cincoenta peças de lagartixas, e trezentos e cincoenta berços, tudo de metal, repartido por todas, quanto cada uma podia levar; e a nau em que ia a senhora infante era de oitocentos toneis; e a do arcebispo de seiscentos e cincoenta; e a de D. Francisco de Castello-Branco de trezentos e cincoenta; a de D. Francisco da Gama de trezentos; o galeão em que ia Fernão Peres de duzentos e cincoenta; e o galeão de Affonso de Albuquerque de duzentos e trinta. As galés eram mui grandes, e ia por capitão-mór d'ellas D. Pedro Mascarenhas.

N'este dia se vestiram e deram mostra todas as pessoas que com a senhora infante iam: e com muita verdade se póde dizer e affirmar, que nunca de Hespanha saiu nem se viu gente tão rica, tão galante e tão atilada. Porque houve muitos homens de vestidos bordados de mui ricas perolas e mui riquissima pedraria: muitos de canotilhos, muita chaparia, muitos bordados de aljofar, muitos de oiro de martello, e singulares bordados e entretalhos. E não havia homem que não levasse muitos ricos colares de pedraria, perolas e oiro esmaltados; e assim mui grandes cadeias de tiracolo. E todos mui ricas espadas, com guarnições de muito valor: e assim estoques, adagas e punhaes guarnecidos e esmaltados de oiro; e muitas com mui rica pedraria de muitas feições e invenções: e assim ricas cintas e tecidos de oiro esmaltados; e infindos botões de pedraria; e infinidade de pontas de perolas, oiro e esmaltes; até os sapatos que todos levavam eram de veludo, feitos á flamenga, com ricas guarnições de oiro esmaltadas. E os vestidos todos, ou os mais, eram de tres sedas; a de cima toda golpeada e feita em tiras, com grande somma de firmaes, botões e pontas por todos os golpes, e outra seda debaixo que apparecia; e de dentro forradas de outra seda, afóra entretalhos; bandas e debruns; e isto não sómente nas opas, roupões e capas, mas nos saios e gibões. E cada um tantos vestidos d'esta sorte, tantos trajos e invenções, e tão ricas sedas, que mais não podia ser. E era coisa bem para ficar em escripto o que cada um levava e gastou. Porém, porque seria muita leitura, o deixei de escrever; baste ser visto de tantos.

Os pagens, escudeiros e moços de esporas mui grandemente vestidos, de muitas singulares librés e mui galantes invenções, e muitos de chaparia, bordados e entretalhados. E as bestas com ricos jaezes e guarnições de muitas invenções, e assim mui ricas camas, paramentos de casas, e riquissimas baixellas para lá no mar e na terra darem convites e banquetes. E muito grande somma de charamellas, sacabuxas, trombetas, atambores e outros muitos ministros ataviados. E os capitães e remeiros que remavam seus bateis, muito bem vestidos de suas librés e divisas, que verdadeiramente não lembra a riqueza, policia e abastança de tudo. E porque os que depois isto lerem lhes não pareça muito, saibam certo que Portugal a este tempo era o mais rico reino de christãos, e toda a riqueza d'elle, de pedraria, perolas, aljofar, collares, e todas as peças de oiro levavam estes cincoenta ou sessenta homens atraz nomeados, seu e emprestado, que por ser a viagem perto, e haverem logo de tornar, cada um levemente emprestava o que tinha, e o principal por servirem e fazerem a vontade a el-rei, que pois o não iam servir com as pessoas, folgavam de ir suas fazendas, pelo gosto e contentamento que n'isso lhe viam levar; e por isso se fizeram muitos, muito grandes e demasiados gastos, principalmente o arcebispo de Lisboa e o conde de Villa-Nova, e o conde Almirante, com seus filhos, e assim todos os outros, que se affirma e ha por muito certo que se gastaram n'esta armada passante de seiscentos mil cruzados; e se el-rei nosso senhor não defendêra brocados e telas de oiro e prata, muito mais se gastára, que por duas coisas gastam os portuguezes levemente suas fazendas: a primeira por serviço de seu rei, e a segunda por suas honras, com alguma competencia e vaidade de mistura.

Logo ao outro dia, que foi segunda-feira, dia de Nossa Senhora das Neves, á tarde, a senhora infante-duqueza embarcou com grandissimo estado. Saiu com ella el-rei nosso senhor e a rainha, o principe e infantes, e todas as damas e senhoras que na corte estavam, e assim os embaixadores do senhor duque, e toda a companhia da senhora infante, e diante d'ella

o conde por mordomo-mór del-rei, e o mordomo-mór da rainha, e todos os porteiros, mestres-sala e reis de armas, porteiros de maça e outros officiaes, e muitas charamellas, sacabuxas, trombetas e atambores, e muitos outros instrumentos e ministros; e por uma sala grande e uma muito grande varanda, vieram ter a um caes que estava dentro n'agua, tudo armado de mui rica tapeçaria, e o caes alcatifado, e ao saír e entrar de todas as portas, a rainha nossa senhora se rogou sempre com a senhora infante-duqueza, e ambas saíam e entravam juntamente, e embarcaram todos em um muito grande batel, todo de pópa a próa toldado de rico brocado de pello, e alcatifado com muitas almofadas de brocado, e muitas ricas bandeiras e estandartes de damasco carmesim e branco pintados de oiro, e outros muitos bateis, mui ataviados com os marinheiros muito bem vestidos, todos de uma libré, que o levavam á tôa, e de redor d'elle todos os bateis de todas as naus, galés e galeões e caravellas da armada, ricamente ataviados de ricos toldos e bandeiras, e marinheiros muito bem vestidos, cada um de suas côres, com muitas charamellas, trombetas e tambores. E todas as naus e navios em grande maneira concertados de toldos, estandartes e bandeiras, e muitas caravellas da cidade muito embandeiradas e enramadas, com muitas folias, trombetas e atabaques, que sempre andavam á vela de redor da nau da senhora infante, e com estes bateis outros muitos de gente que vinha ver, o que era tão formosa coisa que mais não podia ser, e a gente que por a ribeira estava, assim ás janellas como a cavallo e a pé, era sem numero, e a artilheria que se tirou sem conto.

Foram assim até á nau, e por uma grande ponte, muito bem ordenada, feita sobre barcas, e armada de rica tapeçaria, entraram na nau tão chã como em uma sala. Estiveram lá um grande espaço, e el-rei e a rainha e o principe se tornaram, e com a senhora infante-duqueza ficaram a senhora infante D. Isabel e os senhores infantes seus irmãos, e dormiram lá na nau aquella noite, e assim o conde de Villa-Nova e os embaixadores do senhor duque, e todos os officiaes da senhora infante, e muitos fidalgos mui honrados que na nau iam com ella.

E era muito para ouvir todas as noites que no mar esteve, as muitas e boas musicas que continuadamente havia, que faziam muita saudade. E nos dias tantas charamellas, sacabuxas, trombetas e tambores, e tão grossa artilheria, que se não podia ouvir.

E a nau em que a senhora infante ia era coisa mui maravilhosa para ver, pelo concerto e riqueza d'ella. Era nau de oitocentos toneis, foi feita na India, chamava-se Santa Catharina do Monte Synai, nau muito forte e muito formosa, muito veleira e mui segura no mar; toda feita em muitos e grandes aposentamentos, todos forrados de bordos com marcenaria doirada, e a senhora infante tinha grandes salas e camaras, e debaixo do seu aposentamento o das suas damas e mulheres, mais guardado que em um encerrado mosteiro; estes na pópa da nau, e pelas outras partes muitas e mui boas camaras para o conde, embaixadores, fidalgos e officiaes da senhora infante, todas apartadas sobre si, e cada uma muito ricamente armada, e mui ricas camas com ricos concertos de casa, e muita e mui rica prata, e tantas outras coisas que não podem lembrar.

A camara em que a senhora infante dormia era toda armada de brocado rico de pello, e alcatifada, e os paramentos e cobertor da cama do mesmo brocado, tudo franjado de oiro, e muitas almofadas de brocado; e a ante-camara era toda armada de muito fino veludo carmesim, com muitas almofadas do mesmo velludo, e alcatifada, e um docel de brocado, e outra cama e cobertor do mesmo velludo franjado de oiro, toda guarnecida e bandada de umas muito galantes bandas de panno de oiro, e a sala e todas as outras camaras armadas de rica tapeçaria. O conde de Villa-Nova levava uma sua camara toda armada de rico brocado de pello, e alcatifada, e a cama do mesmo brocado com outros muitos ricos concertos. O toldo da nau era de velludo carmesim e damasco branco, e pelas bordas entretalhado de velludo azul, posto sobre setim amarello e torcelado de seda branca, e os entretalhos da bordadura eram da largura de cinco palmos, e tinha tres espheras muito grandes e bordadas, uma no meio, e de cada parte outra, tambem de muito fino velludo azul posto sobre setim amarello torcelado de seda branca, tudo franjado de seda e forrado por dentro de damasco azul da China. Era tão grande o toldo, que tinha passante de mil covados de seda de comprimento, afóra o forro; davam ambas as partes n'agua, e de largura tomava toda a tolda, feito em tres peças, que por sua grandeza não se podia de outra maneira armar, e se ajuntava com botões e torçaes.

E os toldos das gaveas eram de damasco carmesim e damasco branco, tambem entretalhados e franjados. E muitos estandartes de damasco carmesim e branco por todos os mastros, e assim mesmo por todas as pontas das vergas; e os dois estandartes das gaveas eram tão grandes que davam muito pela agua, tambem de damasco carmesim e branco, bandados de brocadilho, com muitas espheras de oiro de pintor, pintadas de ambas as faces, umas muito grandes e outras menos, segundo se iam estreitando. Levava duas bandeiras de damasco carmesim muito grandes em extremo, com as armas reaes pintadas de oiro e prata, uma ia na pópa da nau, e a outra no estaes que vem da gavea para o castello d'avante, ambas franjadas de brocadilho branco e vermelho, com grandes torçaes e borlas de seda das mesmas côres. Mais oitenta e quatro bandeiras muito grandes, todas de damasco carmesim e branco, e de uma maneira, todas com espheras e bordaduras de oiro, singularmente pintadas de ambas as partes, e suas franjas e torçaes de seda, que, verdadeiramente, ver a nau com seus toldos, estandartes e bandeiras, suas salas e camaras com ricos paramentos, ricas camas e concertos, e a nobreza dos fidalgos e damas que n'ella iam, e os ricos vestidos que levavam ao modo do mar, e todas as outras policias e abastanças, era coisa espantosa e muito para folgar de ver e não ousar descrever.

E os toldos, estandartes e bandeiras das galés que iam concertadas á custa del-rei, tambem eram d'esta sorte. E as outras naus, galeões e caravellas todas com ricos toldos, estandartes e bandeiras, cada um de suas côres e divisas, mui ricos e mui galantes e de muitas maneiras bordados e entretalhados, e assim todos os toldos dos bateis concertados em tanta maneira, que mais não podia ser. E poucas vezes ou nunca se veria armada em tudo tão concertada, porque se fizessem já outras maiores, se não fariam tão ricas; e se fossem ricas não seriam tão atiladas; e se tão atiladas em alguma coisa, não em todas como esta foi, porque gente nunca tal se viu, na riqueza e galanteria. E as velas todas, assim grandes como pequenas, tão escolhidas, e em tudo tão perfeitas que lhes não fallecia nada.

Se as miserias que a natureza nos impõe nos parecem duras de soffrer, se as que nos procedem da vontade, e sobre tudo da injustiça dos homens, as achâmos intoleraveis, para umas e outras tem palliativos a philosophia, e tem remedio efficaz a religião.

A. F. de Castilho. [1]

[1] Noções Rudimentaes para uso das escholas.